



SOB Boletim

SETEMBRO/OUTUBRO 1984 - ANO I nº 1

Enfim viemos à luz. Há algum tempo vínhamos planejando editar uma publicação, que servisse de veículo para as informações do que vem ocorrendo na Sociedade, e para a divulgação das experiências e ansiedades dos associados; que fosse também uma janela onde todos nós pudessemos ver o que de melhor se faz e se diz do lado de fora da SOB.

Planejavamos algo mais ambicioso, mas o súbito encerramento de "O Canarinho", antecipou e modificou as nossas metas. Estamos começando modestamente, pretendendo editar este boletim a cada dois meses, não sozinhos ou só com a ajuda de alguns poucos, mas com a participação maciça das centenas de sócios que fazem da SOB um organismo vivo e palpitante; não só daquela parcela de associados vividos e experientes, mas também daqueles que praticamente se iniciam agora, jovens ou não. Sociedade é isso: participação, conjugação, distribuição, aglutinação, convivência e crescimento coletivo.

Que o SOB o Boletim seja a voz e o registro desta realidade, que cresça com ela, e a faça crescer!

SOB - SOCIEDADE ORNITOLÓGICA BANDEIRANTE

RUA DOMINGOS DE MORAIS, 2829 - SALA 3 - V. MARIANA

04035 - SÃO PAULO - REUNIÕES AS 3^{as} FEIRAS - 20,30h

OBSERVAÇÕES SOBRE PIONOPSITTA BARRA- BANDI

NOME POPULAR: CURICA BARRABANDI

AUTOR: Dr. PAUL ROTH - PUBLICADO EM
BIRD WORLD

TRADUÇÃO: JOAQUIM S. CARVALHO

1. Introdução: O bico-redondo "barrabandi" Pionopsitta barrabandi, com o comprimento de 25 cm e o peso de cerca de 180 g, é o maior e ao mesmo tempo um dos mais maravilhosamente coloridos membros do gênero Pionopsitta. Segundo Meyer de Schauensee (1966) sua distribuição é a seguinte: região amazônica superior, na Venezuela meridional, sudeste da Colômbia, Equador Oriental, Peru Oriental até ao Brasil; no Este até aos rios Negro e Madeira; no Sul até Mato Grosso. No Norte da Amazônia, achamos a forma nominal. Ao Sul da região encontramos a sub-espécie Pionopsitta barrabandi aurantiigena.

O Pionopsitta pileata, popularmente denominado de Cuiú-cuiú, é o mais conhecido deste gênero de aves, ainda assim, raramente é encontrado em cativeiro.

Durante dois anos, de agosto de 1977 até julho de 1979, tivemos a possibilidade de observar a "barrabandi" em seu ambiente natural. Nós também a possuímos em cativeiro. Coletamos os dados apresentados neste artigo no Núcleo Pioneiro Humboldt, pertencente na época ao INPA-Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. O posto está situado nas Quedas Dardanelos no alto rio Madeira, no norte do Mato Grosso.

O clima é caracterizado pela estação chuvosa entre outubro e abril e a estação seca entre maio e setembro. A precipitação pluvial atinge um pouco mais de 2.000 mm por ano, e a temperatura fica entre 25,5° e 26,7° C durante todo o ano.

Como consequência destes fatores condicionantes de clima, toda a região está coberta por uma rica floresta tropical úmida. Lá ocorre a sub-espécie Pionopsitta barrabandi aurantiigena.

2. Observações de campo: a Curica barrabandi não é abundante. Sempre é

observada sozinha, aos pares ou em pequenos grupos (possivelmente grupos familiares, quase sempre de quatro indivíduos).

Diferentemente de outros "bicos redondos" da área, exceto as duas tirivas, Pyrrhura picta e P. rhodogaster, a Curica barrabandi voa principalmente baixo, geralmente dentro da floresta, raramente nos estratos mais altos. Nos voos longos ou sobre campo aberto, lança-se em alturas superiores a cinquenta metros. Seu voo é rápido e direto, com batidas de asas, relativamente curtas, e quando se atiram em voos de um lado para o outro, mostram de modo notável, a área vermelha debaixo das asas. No voo, seu grito é frequentemente ouvido. Os gritos lembram os do Pionus menstruus (Maitaca) mas é mais longo, suave e mais melodioso.

Além deste grito mais comum, as aves têm um raramente usado, que é principalmente um áspero e repetido grito de advertência, o qual lembra o grito da "pêga" Pica pica.

Temos poucos registros acerca dos hábitos de alimentação da Curica barrabandi. Enquanto se alimenta é tão discreta, que é muito difícil detectá-la. Das seis plantas-alimento que pudemos identificar, três pertencem à família Moraceae, duas à Leguminosae e uma à Olacaceae. Rosemary Low repetindo Moojen, cita o Ingá, (família Leguminosae) e Sapucaia (família Lecythidaceae), como plantas de alimentação.

As seguintes observações indicam a alimentação especializada destas espécies:

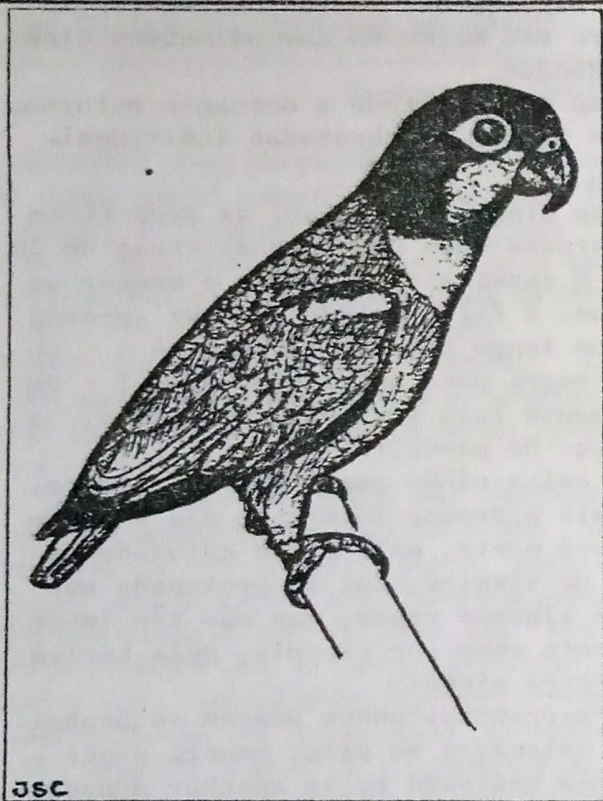
1) Em 27 de abril de 1979, observamos quatro "barrabandi" numa árvore Pithecellobium, alimentado-se de folhas. Observação rigorosa, revelou que elas estavam se alimentando de excrescências presentes em quantidade nas folhas. Não sabemos se a razão para se alimentarem sistematicamente destas excrescências era a necessidade de proteína animal das larvas de vespa ou substâncias vegetais das próprias excrescências; certamente é um aspecto incomum de alimentação, que nunca tínhamos observado em outras espécies de bico-redondo. Esta observação também mostra com que facilidade a Curica barrabandi pode passar despercebida quando está se alimentando. Pouco antes das nove horas da manhã, ouvimos o grito da "barrabandi" e a detectamos através de um leve movimento de galhos.

Somente depois de duas horas de observação, já próximo das onze horas, é que nos certificamos que haviam quatro exemplares na árvore.

2) Para cobrir suas necessidades de minerais, os bico-redondos comem solo mineral durante a estação seca. Eles visitam os "Barreiros" onde terra rica em minerais é facilmente obtida em buracos.

A barrabandi mais do que os outros bico-redondos da área, é encontrada com bastante regularidade nestes barreiros. Parece que estas curicas empreendem longos voos para se reunirem nestes lugares.

A Curica barrabandi aparentemente voa todos os dias para o mesmo barreiro, usando rotas fixas de voo, ao passo que as outras espécies não efetuam semelhantes voos com tanta regularidade.



JSC

Pionopsitta barrabandi aurantiigena

Adultos: plumagem verde, levemente tingida de azul no abdomen; cabeça preta exceto bochechas que são cor de laranja; região perioftálmica branca; garganta e peito cor de oliva; tíbias cor de laranja; encontro das asas e pequenas coberteiras da asa cor de laranja, base das penas, vermelhas; primárias e coberteiras das primárias, pretas, tingidas com azul escuro; secundárias e coberteiras secundárias externas azuis marginadas com verde; cauda verde com azul na extremidade; bico cinza-preto; íris marron; pernas cinza-pálido.

A alta necessidade de minerais, indica um dos aspectos da alimentação. Nas cercanias dos barreiros e nos voos de ida e de volta, são observados grandes grupos de mais de dez "barrabandi". No barreiro onde mais frequentemente fazíamos observações, o número total de indivíduos que diariamente voavam para lá, era estimadamente de trinta. As Curicas barrabandi chegavam entre sete e oito horas da manhã e permaneciam nas imediações; era a primeira espécie a chegar. A tiriva Pirrhura picta amazonum, a mais comum das espécies deste barreiro, normalmente chegava após as oito horas mas das nove horas em diante entrava no barreiro para comer e era a primeira espécie a fazê-lo. A tiriva Pirrhura rhodogaster também o visitava regularmente; o periquito Brotogetis chrysopterus chrysosema, visitava ocasionalmente. Quando há diversas espécies comendo ao mesmo tempo, as menores cedem o lugar às maiores. Significa que tamanho e peso, determinam a ordem de uso dos sítios preferidos nos barreiros.

Em 28 de maio de 1979, achei muitas penas de barrabandi numa espécie de canal transversal no barreiro. Obviamente tinha sido surpreendida por uma ave de rapina, dominada e comida. É nossa suposição que a ave de rapina tenha sido o Gavião Mateiro, Micrastur ruficollis, porque esta espécie também aparecia regularmente no barreiro.

Em 2 de março de 1978, observei uma Curica barrabandi imatura junto com dois exemplares adultos; em 6 de fevereiro de 1979, outro exemplar imaturo foi visto. O abandono do ninho pelo filhote provavelmente ocorre durante janeiro, por conseguinte, o período de procriação ocorre mais ou menos de setembro/outubro até ao fim do ano. Nunca tivemos sucesso na observação dos detalhes dos hábitos de procriação destes bico-redondos.

3. Manutenção em Cativeiro: A razão pela qual a "barrabandi" não é vista nas coleções, é menos pela regulamentação das exportações, que pelo fato de que estas aves são extremamente difíceis de serem mantidas em confinamento. Aves recém-capturadas não sobrevivem ao transporte para os Estados Unidos ou para a Europa.

Em maio de 1979, caçamos duas Curicas barrabandi; duas aves adicionais foram capturadas em agosto do mesmo ano.

As duas primeiras aves (e mais tarde também uma das de agosto) foram colocadas numa pequena gaiola tipo caixa, para mantê-las permanentemente sob controle. Desde o começo pareciam um pouco mansas e nunca demonstraram qualquer indício de pânico. Mesmo quando nos aproximávamos até junto da gaiola, elas permaneciam quietas ou no máximo andavam no poleiro; elas nunca voaram contra a tela, como outras espécies frequentemente fazem. Nós oferecíamos vários frutos, sementes e castanhas do Pará, mas nenhum destes alimentos foi tocado pelas aves. A única solução foi forçar a alimentação com "papa", diversas vezes ao dia. Nós tentamos habituá-las não só pelo sabor mas também pelo reconhecimento visual. Após alguns dias elas comeram a papa espontaneamente, e assim nós começamos a acrescentar pedaços de vários frutos.

Logo elas aceitaram também pedaços de biscoito, mas nunca foram atraídas pelas sementes. Após duas semanas, nós arriscamos transferir as aves para um viveiro medindo 5x1,5x2 m.

Por isso apareceu um novo problema: agora havia espaço para usar as asas e subitamente ficaram mais ansiosas. Sua ceroma (ou cera) é extremamente delicada e pode sangrar intensamente quando as aves desastradamente voam contra a tela. Galhos finos cobertos de folhas, acolchoando a tela, ajudaram a reduzir ao mínimo os choques contra ela; após um curto período, as curicas começaram a se acostumar.

Nossas "barrabandi" ainda não se alimentam de sementes.

Trouxemos dois bico-redondos mansos - (Pionus menstruus - maitaca e De-roptus accipitrinus - anacã) e os colocamos no viveiro vizinho; estas aves imediatamente aceitaram quase todo o tipo de alimento.

No mesmo lugar em ambos os viveiros, colocamos vasilhas com sementes de girassol e castanhas do Pará, penduradas na tela de separação dos dois viveiros. Muitas semanas se passaram antes que nós observássemos as curicas comendo sementes de girassol pela primeira vez.

A última das quatro curicas que capturamos, foi colocada diretamente no viveiro com as três que já lá se encontravam. Logo ela foi alimentada por uma das outras, e depois de alguns dias, já estava acostumada e sem problemas.

Reações com alimentos vegetais coletados na natureza, foram diferentes: p.e. Trema micranta, um alimento vegetal favorito das Pirrhuras (tirivas) foi desdenhado por um longo tempo; imbaubarana, Pourouma acuminata, uma fruta silvestre comum, foi aceita sem demora.

A "barrabandi" difere de todos os outros bico-redondos em cativeiro, na sua atividade diária padrão.

Ao amanhecer, elas são as primeiras a ficar ativas; ao anoitecer, elas estão sempre entre os últimos a ficar quietos.

As horas de alimentação também são diferentes; à tarde, as curicas barrabandi comem mais tarde do que os demais bico-redondos. Por esta razão, elas não devem ficar juntas com outras espécies no mesmo viveiro.

As "barrabandi" mantêm uma distância entre si, maior do que os outros bico-redondos.

Mesmo durante todo o descanso noturno, elas mantêm-se separadas individualmente.

Ao se limpar e arrumar, as aves ficam separadas umas das outras, cerca de 20 cm. O convite para limpar e compor as penas, é feito quando uma ave apresenta um longo pescoço esticado e a coroa negra para outra ave, a qual geralmente logo trabalha com o bico, a cabeça do parceiro.

Uma caixa-ninho pendurada no viveiro, jamais provocou interesse nas aves. Um tronco morto, mais tarde colocado dentro do viveiro, foi inspecionado por elas algumas vezes, mas não tão intensamente como por exemplo, pela tiriva Pirrhura picta.

As "barrabandi" nunca usaram as banheiras colocadas no piso, embora nunca tenham hesitado em ir apanhar pedaços de alimento caídos no chão. Não obstante, elas eram as mais excitadas entre todas as espécies, quando começava a chover; apoiavam a cabeça no poleiro, arrepiavam as penas e deixavam a chuva penetrar na plumagem. Se havia galhos ainda com folhas no viveiro, passavam por entre a folhagem molhada para umedecer as penas. Só depois de alguns momentos, elas se retiravam para a parte coberta do viveiro.

As aves gritavam com frequência. Elas tinham horas fixas de vocalização, mas podiam ser estimuladas por outras espécies. Diversas vezes seus gritos atraíram congêneres em liberdade, que pousavam na tela de cobertura dos

aviários após alguns voos em volta. Nestas ocasiões, nós tivemos a impressão que as aves selvagens desejavam mais entrar no viveiro, do que os nossos bico-redondos desejavam escapar. Finalmente, pode ficar estabelecido - que as "barrabandi" e provavelmente as demais espécies do gênero Pionopsitta, bem como Gypopsitta vulturina (Curica-urubu) podem ser mantidas em cativeiro sem maiores problemas. Mas acostumar as aves ao confinamento é extremamente difícil e necessita de muita intuição.

UMA CRIAÇÃO DE COLEIRAS-DO-BREJO

Carlos A.S. Isoldi

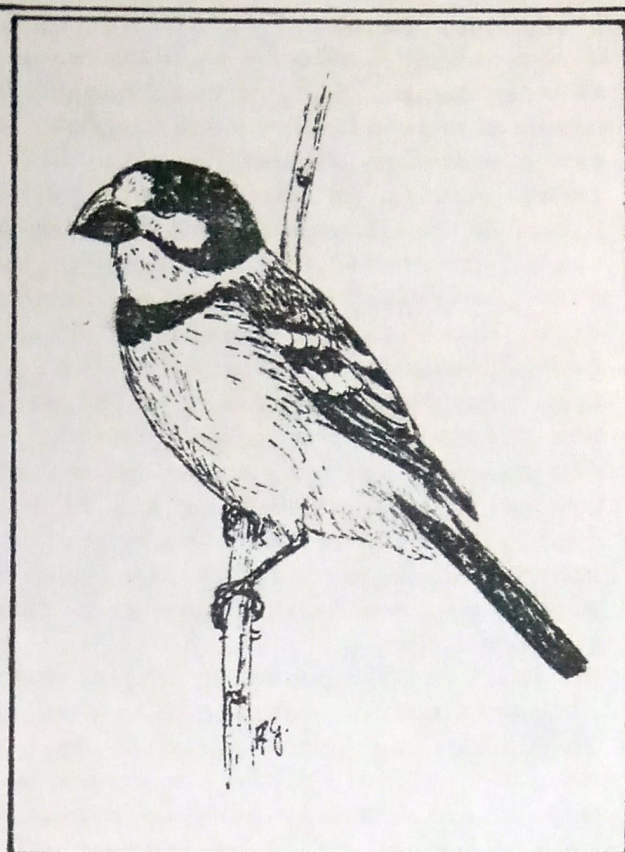
Conhecido popularmente por esse nome e ainda pelos nomes Coleiro-ganga (M. Gerais) e Coleiro-do-sapê (Eurico Santos), este pássaro talvez seja o mais bonito dos nossos papa-capins rivalizando com certos caboclinhos.

Possui razoáveis dotes canoros, que são apreciados por alguns e desprezados por outros. As fêmeas e os jovens são pardos.

A tonalidade amarelenta dos indivíduos varia segundo a subespécie a que pertencem. De uma maneira geral, pode-se dizer que os exemplares procedentes - da Argentina e sul do país são muito mais escuros que os originários de regiões mais setentrionais.

Tempos atrás, em princípios de setembro, resolvi tentar a reprodução desta espécie em cativeiro. Optei pelas gaiolas providas de divisão, do tipo geralmente usado na criação de canários domésticos. Sete gaiolões desse tipo foram fixados à parede externa da edícula de minha casa, bem sob o beiral. Entre as gaiolas coloquei divisões de madeira, não só para proteger os pássaros dos ventos, como também para que um casal não pudesse ver os outros; fixei os ninhos (de corda, com armação de arame) de forma que ficassem escondidos entre ramos artificiais (de plástico) de laranjeira, que eu havia adquirido numa loja especializada.

Depois disso, transferi para duas -



Sporophila collaris - Coleiro do Brejo.

Mede 11/13 cm de comprimento. A frente ostenta de cada lado uma mancha branca; cabeça, nuca, penas rêmiges e cauda, negros; dorso, tetrizes e cobertura da cauda, pardo-amarelado; garganta alvacenta; lados do pescoço, peito, ventre e uropígio, amarelo barrento claro; garganta com uma espécie de coleira negra, separando-a do peito; íris negro; bico enegrecido e tarsos escuros.

Distribuição geográfica:

Sporophila collaris ochrascens - oeste do Brasil e Norte da Bolívia

Sporophila collaris collaris - Leste do Brasil

Sporophila collaris melanocephala - Brasil, Paraguai e Norte da Argentina

Ordem: Passeriformes

Família: Emberizidae

(Desenho de Rolf Grantsau)

dessas gaiolas dois machos de Coleira-do-brejo, anteriormente alojados em gaiolas individuais. Aguardei cerca de uma semana para que se acostumassem ao novo ambiente, e, então, verificando que estavam cantando muito, fui aproximando as fêmeas, até quando, em 20 de setembro, juntei o primeiro casal, e, em 2 de outubro,

NOTAS E NOTÍCIAS

E "O Canarinho" encerrou as suas atividades.

Nele, durante muito tempo publicamos o "Caderno da SOB"; foi uma convivência amena e proveitosa. Por isso, fazemos questão de que a primeira nota desta coluna, sirva para enviarmos o nosso abraço e fazermos a nossa homenagem ao esforço histórico do amigo José do Egypto Lima.

Há tempos atrás, recebemos uma carta do sócio V. Rodrigues, apoiando a criação de um Boletim e dando inúmeras sugestões. Aqui está o Boletim, e aos poucos iremos explorando as propostas que com tanto empenho nos mandou. Continue colaborando. É o que desejamos e necessitamos.

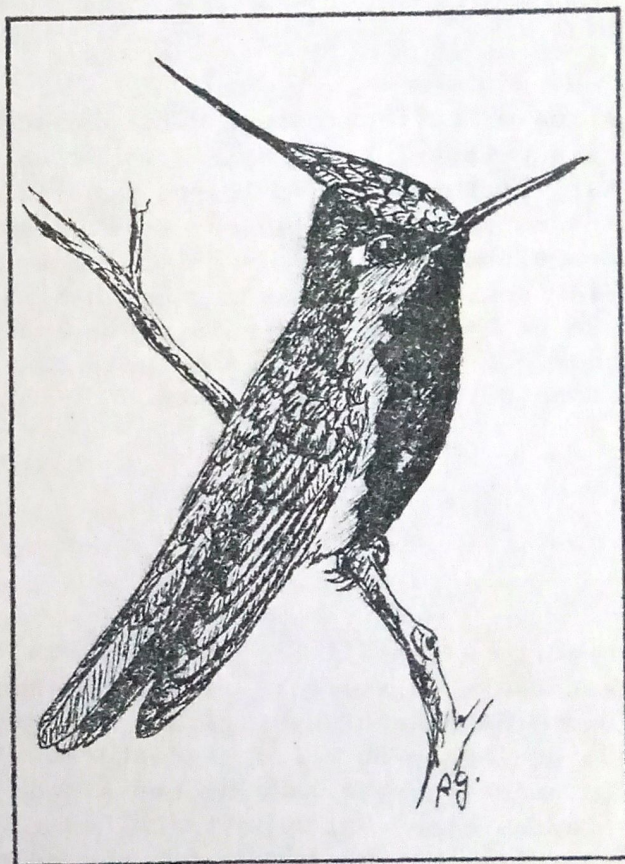
A Diretoria eleita para o biênio 1984/1985, está constituída como segue:

Presidente: Ennio A. Flecha. Vice-presidentes: Nelson M. Kawall e Joaquim S. Carvalho. Diretores: Tesouraria: Dante Vignini Fº e Mário Giudici Jr. Secretária: Edson Acrani, Carlos E.C. Torloni e Hugo C.S. Nery. Deptº Técnico: Carlos G. Keller, Paulo Fernando Flecha, Roberto Antonelli Fº, Alcides Vertematti João Alberto C. Cardoso e Paulo K. Tominori. Deptº de Observação de Aves: Rolf Grantsau. Deptº do Patrimônio: Marilda R. de Eston. Deptº Jurídico: Paulo Rui de Camargo. Deptº de Relações Públicas: Artur J. Cerqueira. Depto de Veterinária: Clóvis Parrilli. Responsável pela edição do SOBoletim: Joaquim S. Carvalho.

No dia 7 de setembro próximo passado, - na sede da SOB e com o seu apoio, foi fundado o núcleo paulista do COA- Clube dos Observadores de Aves.

Estavam presentes, Pedro Scherer da Divisão de Zoologia de Parques e Praças - do Estado do Paraná e Presidente do COA BRASIL; Haroldo Palo Jr., Sérgio Rubens Almeida, Geraldo Eysink e Laerte Rubens Almeida, que organizaram e dirigiram a reunião. Participaram e se filiaram, - Nelson Kawall, Pedro Nardelli, Ennio Flecha, Joaquim Carvalho, Ingo Grantsau Robert Wilson, Paulo Flecha, Rolf Grantsau, Sandra Raccagnella, Carlos Keller José Alberto Machado e Luis Otávio Machado.

No dia 8, foi realizada a primeira excursão, tendo sido identificadas cerca de 30 espécies de aves.



Beija-flor de Topete (Stephanoxis lalandi) - provável símbolo do COA - SP.

o segundo. Ambos os casais se reproduziram, comportando-se de maneira muito semelhante, e, por essa razão, descrevo apenas algumas observações sobre o primeiro deles.

Infelizmente, as gaiolas estavam colocadas de tal forma que me foi impossível inspecionar o ninho, pois teria sido necessário retirá-lo da gaiola, o que não fiz, nas primeiras chocadas temendo assustar a fêmea.

Logo que juntei o casal, coloquei à sua disposição boa quantidade de capim finos e raízes, e, em 26 de outubro notei que a fêmea estava ninhando praticamente sem ajuda do macho que apenas carregava alguma raiz para lá e para cá, sem participar da construção do ninho.

No dia 7 de novembro, a fêmea estava chocando e pude verificar que só saía do ninho duas vezes por dia, logo pela manhã e à tardinha, ocasiões em que se alimentava. Durante o período de incubação, todas as vezes que a fêmea saía do ninho, imediatamente o macho ia pousar no poleiro próximo a ele, como para defender os ovos de algum inimigo. Além disso, comportava-se agressivamente contra os pardais que às vezes pousavam sobre a gaiola, e mesmo ante a minha aproximação, quando postava-se valentemente sobre o poleiro, abria o bico e soltava um chiado característico, como se preparasse para me enfrentar. Entretanto, dez dias depois de ter iniciado a incubação, a fêmea, sem que eu soubesse o motivo, abandonou o ninho, e pude verificar que havia posto dois ovos, ambos "claros".

Alguns dias depois, já estava novamente carregando material para o ninho e precisamente no dia 25 de novembro, iniciou nova incubação. Doze dias após notei que havia nascido algum filhote. Tomei coragem e retirei o ninho da gaiola para observá-lo e verifiquei que a postura havia sido de dois ovos tendo um deles dado origem ao filhote que ali estava. No dia 19 de dezembro o filhote com doze dias, ainda mal empenado, já ficava pousado à beira do ninho.

Desde o segundo dia, forneci ao casal para alimentação do filhote, ovos cozidos passados na peneira (inclusive as claras) e larvas de Tenébrio (10 pela manhã, e igual quantidade durante o dia e à tardinha), além da alimentação normalmente fornecida: alpiste, painço, almeirão, pepino. Em al-

guns dias, as sementes forma colocadas de molho (umedecidas) na véspera.

Areia misturada com casca de ovos moídas, sempre estiveram à disposição do casal.

Depois de alimentar o filhote durante cerca de 20 dias, a mãe, naturalmente passou a rejeitar as larvas de Tenébrio em maior quantidade, até quando, em 4 de dezembro não as aceitou mais; então, separei o filhote colocando a divisão na gaiola.

Em 6 de dezembro já quebrava sementes. Após 6 dias, a fêmea preparava outra vez o ninho para iniciar nova incubação. Nessa ocasião, retirei o filhote para outra voadeira.

Durante todo o tempo, com exceção dos dez primeiros dias de vida do filhote o macho permaneceu junto com a fêmea.

Nota da Redação: o autor deste artigo dispensa maiores apresentações; antecessor de Ennio Flecha na presidência da SOB, realizou um trabalho de base de maior importância. É criador de aves nacionais dos mais experientes e bem sucedidos

S O C I E D A D E

ORNITOLÓGICA

BANDEIRANTE

Carlos Keller, nosso jovem associado, concluiu o manuscrito do primeiro volume de sua obra Aves do Brasil. Este volume trata de saíras, gaturamos, etc., e incorpora desenhos de Rolf Grantsau e fotos coloridas de nível profissional. É sem dúvida uma obra de gabarito, que esperamos, em breve esteja nas livrarias.

Steffen Golhammer esteve nos E.U.A. - visitando o aviário de Ramon Noegel, o muito bem conceituado criador de papagaios originários da América Central e Caribe. Em palestra na SOB, contou alguns dos segredos de Don Ramon (viveiros, alimentação, etc).

Ainda o Steffen; esteve ciceroneando dois compatriotas alemães, um deles, Karl Diefenbach, com livros publicados sobre aves e o outro, Horst Zimmer conceituado criador de psitacídeos: Visitaram as diversas regiões habitadas pelos nossos Amazonas, para anotações que mais tarde serão incluídas - em novo livro de Diefenbach.

Roberto Antonelli Fº, sócio da SOB e estudante de Biologia, esteve recentemente na Amazônia estagiando no projeto do INPA e do World Wildlife Fund. Em palestra realizada na nossa sede - (terça-feira) expôs os trabalhos e objetivos do projeto, que pretende conhecer o que acontece com os animais, ao se verem privados da floresta natural.

A direção está a cargo do ornitologista Richard Bierregaard.

Haroldo Palo Jr., competente e conhecido fotógrafo profissional, fez uma palestra com exibição de slides, sobre as aves do Pantanal Matogrossense como sempre, isto aconteceu numa terça-feira.

Rolf Grantsau, naturalista e diretor da SOB, esteve recentemente no Museu de História Natural de New York, em viagem de estudo, a convite do governo americano. Deste modo, pode coletar novas informações para a conclusão de dois dos livros em preparação: Guia - de Aves do Brasil e Beija-Flores. Rolf contou numa terça-feira, como foi a viagem.

A SOB, Sociedade Ornitológica Bandeirante, completa 20 anos em 16 de dezembro próximo.

Vinte anos de atividades ininterruptas; quantas Sociedades deste gênero têm esta idade, esta vitalidade? Devemos comemorar? Como?

Escreva, telefone ou melhor, compareça à sede numa terça-feira, e dê a sua sugestão.

Próximas atividades programadas:

1) A Churrascada anual e tradicional - da SOB, será realizada no dia 20/10 na Fazenda do Carlos Keller em Pirassununga.

2) O segundo módulo do Curso de Taxonomia, terá início na 2ª quinzena de outubro às terças-feiras após 20,30 horas. Será ministrado por Rolf Grantsau e estará voltado para a identificação das aves na natureza.

Compareça e prestigie.